



SEÇÃO: FILOSOFIA & INTERDISCIPLINARIDADE

## A teologia filosófica de Hans Jonas

*The philosophical theology of Hans Jonas*

*La teología filosófica de Hans Jonas*

**Jelson R. de Oliveira<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2362-0494](https://orcid.org/0000-0002-2362-0494)  
[jelsono@yahoo.com.br](mailto:jelsono@yahoo.com.br)

**Thiago Vinícius**

**Rodrigues de**

**Vasconcelos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7048-5205](https://orcid.org/0000-0002-7048-5205)  
[thiagovasconcelosmg@hotmail.com](mailto:thiagovasconcelosmg@hotmail.com)

**Recebido:** 13 mar. 2024.

**Aprovado:** 01 jun. 2024.

**Publicado:** 30 jul. 2024.

**Resumo:** Neste artigo, analisaremos a proposta desenvolvida por Hans Jonas de uma Teologia filosófica, cujo tema é o conceito de Deus. O intuito é analisar a tentativa de Jonas de ultrapassar a linguagem objetificante própria da ciência e de boa parte da filosofia moderna, sem recair, contudo, em uma abordagem estritamente teológica: eis o que se efetiva como tarefa de uma "teologia filosófica", cujos antecedentes podem ser encontrados em Platão e Aristóteles. A importância de compreender essa estratégia por um lado tenta resolver a polêmica em torno da presença de Deus na obra de Jonas e, por outro, explica porque ele se utiliza – cuidadosamente – das palavras "teoria" e "conceito" em seus dois textos sobre Deus. O presente trabalho será desenvolvido particularmente a partir de textos inéditos disponíveis nos Hans Jonas Philosophisches Archiv, da Universidade de Konstanz. Entre esses textos, daremos destaque às anotações em torno da *Teoria de Deus*: um curso ministrado pela primeira vez em Ottawa, no semestre de inverno de 1952-1953 e depois replicado em New York. A análise dos pontos centrais desse texto demonstra que a questão de Deus é estratégica para o filósofo, seja porque recupera uma pergunta central da filosofia, seja porque se conecta com o esforço de romper com o materialismo vigente na tradição.

**Palavras-chave:** Hans Jonas; Deus; teoria de Deus; teologia filosófica.

**Abstract:** In this article, we will analyze Hans Jonas's proposal of a philosophical theology, focusing on the concept of God. The aim is to examine Jonas's attempt to transcend the objectifying language typical of science and much of modern philosophy without falling into a strictly theological approach: this is accomplished as the task of a "philosophical theology," whose antecedents can be found in Plato and Aristotle. Understanding this strategy is essential, as it both seeks to resolve the controversy surrounding the presence of God in Jonas's work and explains why he carefully uses the words "theory" and "concept" in his two texts on God. This study will be developed mainly from unpublished texts in the Hans Jonas Philosophisches Archiv at the University of Konstanz. Among these texts, we will highlight the notes surrounding the Theory of God: a course taught in Ottawa in the winter semester of 1952-1953 and later replicated in New York. The analysis of the central points of this text demonstrates that the question of God is strategic for the philosopher, either because it recovers a central question of philosophy or because it connects with the effort to break with the prevailing materialism in the tradition.

**Keywords:** Hans Jonas, God, theory of God, Philosophical theology

**Resumen:** En este artículo analizaremos la propuesta desarrollada por Hans Jonas de una Teología filosófica, cuyo tema es el concepto de Dios. El objetivo es analizar el intento de Jonas de superar el lenguaje objetivante propio de la ciencia y de gran parte de la filosofía moderna, sin caer, sin embargo, en un enfoque estrictamente teológico: aquí es donde se materializa la tarea de una "teología filosófica", cuyos antecedentes pueden encontrarse en Platón y Aristóteles. La importancia de comprender esta estrategia, por un lado, intenta resolver la controversia en torno a la presencia de Dios en la obra de Jonas y, por otro lado,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

explica por qué él utiliza -cuidadosamente- las palabras "teoría" y "concepto" en sus dos textos sobre Dios. Este trabajo se desarrollará particularmente a partir de textos inéditos disponibles en el Archivo Filosófico de Hans Jonas, de la Universidad de Konstanz. Entre estos textos, destacaremos las anotaciones en torno a la Teoría de Dios: un curso impartido por primera vez en Ottawa, en el semestre de invierno de 1952-1953 y luego replicado en Nueva York. El análisis de los puntos centrales de este texto demuestra que la cuestión de Dios es estratégica para el filósofo, ya sea porque recupera una pregunta central de la filosofía, ya sea porque se conecta con el esfuerzo de romper con el materialismo vigente en la tradición.

**Palabras clave:** Hans Jonas; Dios; Teoría de Dios; Teología filosófica.

## Introdução<sup>2</sup>

Para Hans Jonas, embora falte à filosofia condições de *conhecer* Deus, essa pergunta não pode ser ignorada entre aqueles que se propõem a refletir sobre a realidade. Assumindo uma posição kantiana, Jonas acredita que a filosofia deve se perguntar sobre Deus e que tal pergunta deve ser formulada no campo especulativo, embora não no campo científico ou mesmo lógico. É como especulação filosófica, portanto, que o tema de Deus aparece em vários de seus escritos e é precisamente por isso, paradoxalmente, que ele não é evocado como fundamento nem das análises sobre a ontologia da vida nem mesmo no seu projeto de uma ética da responsabilidade: se é uma especulação, Deus não serve como horizonte dos empreendimentos teóricos que requerem o estatuto do conhecimento, embora ele mesmo permaneça como um assunto discutível. Particularmente no caso de sua ética, Jonas abdica de recorrer a alicerces religiosos, embora reivindique fundamentos metafísicos

que o levam a se opor a um dos dogmas mais fortes do pensamento filosófico contemporâneo. Também aqui, como sabemos, Jonas se coloca contra a corrente.

Com essa posição, Jonas recusa duas perspectivas que, segundo ele, seriam incoerentes com o pensamento filosófico: de um lado, a perspectiva religiosa ortodoxa halakhic, de outra o imanentismo da ciência moderna, amparada no materialismo da ontologia da morte, cuja premissa final é o próprio niilismo<sup>3</sup>. Para sair desse imbróglio teórico, Jonas sustenta uma posição intermediária, capaz de reconhecer elementos religiosos sem se render a eles, mas também sem recair na nudez do materialismo moderno. A alternativa, nesse caso, passa pela manutenção da especulação religiosa por meio de uma linguagem simbólica e conjectural: "ao contrário de seu professor Bultmann, Jonas acreditava que apenas a linguagem simbólica poderia servir para falar de Deus ou de qualquer outra coisa que é irreduzível ao discurso ordinário sobre as preocupações humanas" (MARGOLIN, 2010, p. 237). Isso significa que Jonas quer ultrapassar a linguagem objetificante própria da ciência e de boa parte da filosofia moderna sem recair em uma abordagem estritamente teológica<sup>4</sup>. Para expressar-se filosoficamente, seu esforço recai sobre a tentativa de desenvolver um enfoque conceitual segundo o qual Deus, por exemplo, possa ser analisado como um conceito propriamente dito, cuja expressão pode ocorrer por meio do mito<sup>5</sup>.

É por meio desse esforço que podemos caracterizar as análises filosóficas empreendidas por Jonas em *pelo menos* duas ocasiões<sup>6</sup>: [1] o

<sup>2</sup> O presente artigo é parte dos resultados do projeto "Dos direitos humanos aos direitos da natureza: as contribuições de Hans Jonas para a responsabilidade ecológica", aprovado junto à Fundação Araucária (edital CP 19/2022 - Programa institucional de apoio à fixação de jovens doutores - 2ª etapa), protocolo no. jdt2022271000013).

<sup>3</sup> Sobre a relação entre teologia e niilismo na obra de Hans Jonas, ver Vogel (1996), especialmente o item *Why Theology is not necessary for overcoming nihilism*. Para Vogel, a teologia é, para Jonas, uma adição teórica – um complemento (a "lust of reason") – e não uma necessidade de seu pensamento. Sobre a análise do tema do niilismo no texto *Theory of God*, ver Oliveira, 2017.

<sup>4</sup> A declaração de Jonas em seu texto "O Conceito de Deus após Auschwitz", de que seu empreendimento foi caracterizado como um extrato de uma "teologia especulativa", deve ser interpretada, segundo Margolin (2010, p. 238), como uma "descrição reductiva", especialmente se levarmos em conta todos os esforços empreendidos ao longo de sua trajetória intelectual. Eu argumento que a interpretação dessa declaração deve levar em conta que o "especulativo" dessa "teologia" é o que a aproxima da análise racional e filosófica e menos da teologia como área de estudos religiosos, estritamente falando. Talvez isso justifique a ideia de uma "teologia filosófica" (POLIWODA, 1995), cujas intenções metodológicas estariam próximas às realizadas em sua "biologia filosófica": fugir do reducionismo dualista das ciências particulares para dar conta de um fenômeno mais complexo.

<sup>5</sup> O uso da linguagem mítica para se referir a Deus é evidente em "The Concept of God after Auschwitz", mas também na primeira versão desse ensaio, "Immortality and the Modern Temper" (1961). Além disso, Jonas lida com esse tema em "Vergangenheit und Wahrheit" (1990-1991) e em "Materie, Geist und Schopfung" (1988).

<sup>6</sup> Note-se que o tema de Deus, e até mesmo da teologia, aparece em diferentes textos de Jonas, como o Prof. Emilio Spinelli demons-

curso ministrado Carleton College, de Ottawa, no semestre de inverno de 1952-1953 e, ao que tudo indica, posteriormente replicadas na New School for Social Research dez anos depois, em 1962/1963, cujas anotações preparatórias e notas de alunos se encontram nos Philosophisches Archiv de Hans Jonas, na Universität Konstanz sob o título de *The theory of God*<sup>7</sup>; [2] a conferência "The Concept of God after Auschwitz". Nesses dois casos, os títulos sugerem a metodologia empregada: de um lado, uma *Theory*, de outro um *Concept*, duas expressões que caracterizam o que é próprio da filosofia – trata-se de analisar um tema (religioso) com os instrumentos da racionalidade. Como tal, ele afirma que uma teorização de Deus não é apenas possível ou mesmo indispensável, como sobretudo, que suas evidências para a razão são confiáveis e, em alguns casos, irrefutáveis. Eis porque, como tentaremos demonstrar nesse texto – especialmente apoiados nas notas de *Theory of God* – Jonas elabora uma teologia filosófica, na intenção de encontrar possibilidades legítimas para a teorização de Deus, sem recair nos limites próprios da teologia. Do ponto de vista metodológico, repete-se aqui o procedimento da biologia filosófica: se, no caso da vida, trata-se de garantir que a sua interpretação fosse realizada segundo a orientação de sua própria integralidade, rompendo com as visões dualistas e pós-dualistas, também aqui, na teologia filosófica, é o mesmo reducionismo que parece estar em jogo – um reducionismo que coloca Deus no campo da mera abstração, radicalmente inacessível para o pensamento. O que é *filosófico*, em ambos os casos, é o modo específico de pensar o seu objeto e seu procedimento é a aproximação teórica

de dois campos que, a partir da modernidade, acabaram separados. Em outras palavras, se na biologia, o conteúdo era orientado *filosoficamente* para acrescentar àquilo que era próprio da ciência particular, elementos advindos da filosofia, o mesmo acontece no caso da teologia, a qual se tornar filosófica precisamente na medida em que lhe é adicionado uma reflexão pautada pelos limites da racionalidade.

O esforço aqui empreendido, qual seja, o de analisar Deus do ponto de vista filosófico, deve ser compreendido, assim, sem a intenção de negar outras perspectivas também presentes na obra de Jonas, como, por exemplo, aquelas que acentuam o seu interesse pelo mito como (única) forma de expressão do que é metafísico (MARGOLIN, 2010) ou mesmo aquelas que insistem no esforço jonasiano de retomar as perguntas filosóficas sobre a existência de Deus (SCHIEDER, 2003), o que, embora não possa ser provada, pode ser analisada do ponto de vista de "conjecturas bem fundamentadas" que se impõem racionalmente na medida em que se escusam da acusação de irracionalidade. Essas perspectivas co-existem na obra de Jonas e têm legitimidade teórica. Neste texto, contudo, tentaremos refletir como poderíamos entender e qual seria o papel de uma "teologia filosófica". Para isso, seguiremos, especialmente, as notas do curso *The theory of God*.

### 1 As notas inéditas de *Theory of God*

O curso de Jonas, cujas anotações se encontram em Konstanz, inclui dois textos bastante semelhantes: [1] *Theory of God – notes* (referentes ao Curso ministrado em Ottawa, entre 1952-1953), numeradas de 1 a 33 e que estão arquivadas sob

trou em diferentes ocasiões, incluindo Spinelli, 2020.

<sup>7</sup> Ambos os textos podem ser encontrados nos arquivos de Konstanz, onde se lê: HJ 20-2-6-8 (Es scheint sich um Class Notes zu handeln Datum: 1952/53 Thema: Theory of God/religious Concepts; siehe HJ 20-2-1-4 – teilw. frühere Version von HJ 3-7); HJ 20-2-1-4 (es handelt sich offenbar um versch. Unterlagen aus dem Umfeld eines (?) Seminars – es ist nicht klar, welches. Kurzzusammenfassungen zu versch. Themen, vielleicht komprimierte Class notes? Datum: wohl Anfang der 50er Jahre [McGill] Thema: Epikur / Diskussion: The Function of Fear in Lucretius and Hobbes / Pascal's Pensees / Changes in the Concept of Motion, Creation, and the Nature of the Cosmos / What ist he Judao-Christian Idea of Creation / Nietzsche / Theory of God – Augustine / Spinoza / Hobbes - die Autorschaft ist nicht eindeutig zu bestimmen. Der Text selbst stammt vermutl. von Jay MacPherson und wurde von Jonas bearbeitet bzw. ergänzt (so ein Vermerk); e Theory of God (Phil 202) Class Notes [New School]: „Theory of God“: masch. Nachschrift einer Vorlesung (vermutlich durch S. Levine), die Hans Jonas im Winter 1962/63 hielt; 12 Vorlesungen, Nummerierung: S. 1-121; insg. 122 S. - Bereits Bd. III/1 zugeordnet. A questão é que não conseguimos encontrá-lo no Volume III/1 da obra crítica de Jonas que vem sendo publicada pelo Hans-Jonas-Zentrum, atualmente com sede em Siegen (cf. <http://hans-jonas-edition.de/?cat=14>). Agradeço ao Professor Emilio Spinelli por me ajudar a esclarecer e rastrear os períodos e a autoria dessas diferentes notas.

o número HJ 20-2-6<sup>8</sup>; [2] *Theory of God – Class notes* (ministradas na New School, em New York, em 1962/1963) sob o título *Rough draft notes Theory of God* e aparentemente anotadas por uma estudante, cujo nome (S. Levine) consta, anotado à mão, na capa do grupo de folhas numeradas de 1 a 121 e arquivadas sob o número HJ 3-7-1.

Ambos os textos se iniciam com uma reflexão sobre a própria definição de *Teoria* e, depois, de como se poderia fazer uma teoria sobre o objeto *Deus*, tentando compreender como uma *Theory of God* se articula com o *Logos* e com a *Theology*.

### 1.1 As anotações de Lavine e a teologia filosófica

Começamos com as anotações de Lavine, que acentuam a própria definição de teologia filosófica como teoria de Deus. Nelas Jonas afirma, já na *Lesson I* que uma *teoria* é um "relato razoável de algo que é um conteúdo de pensamento e sobre o que podem ser feitas proposições em um contexto que abrange também outras coisas" e que, nesse caso, "uma teoria de Deus sempre faria parte de uma teoria abrangente da existência" (HJ 3-7-1, p. 1). Isso significa, primeiro, que Jonas pretende se aproximar racionalmente de Deus, torná-lo um objeto do pensamento e isso significa que Deus só pode ser um conceito ou uma ideia (que são possíveis objetos de pensamento); mas, além disso, que um tal objeto deve ser abordado de forma abrangente e contextual, de forma que ele seja reconhecido como um problema existencial, ou seja, como um problema da existência humana, ou seja, não como uma questão suprassensível ou religiosa, mas como um assunto da existência que pode ser alcançado pela razão. Como objeto teórico assim, Deus está entre as coisas que podem ser alcançadas pelo pensamento, porque toda teoria pressupõe "uma verdade relativa à realidade que pode se tornar conhecimento" e que pode formar um "discurso proposicional que faz afirmações definitivas sobre

algo; em um *logos* portanto, teologia". Essa é a mesma definição que aparece, por exemplo, em *Heidegger e a Teologia*<sup>9</sup>: a teologia como "o *logos* sobre as coisas divinas" e, como tal, se efetiva como uma "elucidação discursiva — em certo sentido, científica — dos conteúdos da fé" (2001, p. 335). Para Jonas, dado que o conteúdo da fé está ligado às relações entre Deus, mundo e o ser humano, então a elucidação do lado humano e mundano (os dois últimos polos, portanto, dessa tríade) exige uma reflexão sobre o que eles são algo que deveria ser alcançado pela filosofia. Sendo assim, a filosofia deve contribuir para a "elucidação do ser" segundo as regras da razão que Jonas classifica, nesse ensaio, como "razão secular" (2001, p. 335). Nesse sentido, a filosofia oferecerá à teologia o que esta não tem (e é esse, precisamente, a sedução de Heidegger que Jonas pretende).

Voltando às anotações, Jonas cita, nesse sentido, a obra clássica de Werner Jaeger, *Theology of the Early Greek Philosophers*, de 1947, originado das conferências proferidas na Universidade de San Andrés, Escócia, em 1936 e que, segundo seu autor, poderia se chamar também *A origem da teologia*. Diz Jonas, acompanhando Jaeger: "A teoria de Deus = teologia". (no sentido básico: um *logos* - um relato fundamentado - sobre Deus). Onde surge a teologia? (c.f. Jaeger 'Teologia dos primeiros filósofos gregos'). A referência acaba por legitimar o que, segundo Jaeger, é um tema nada estranho à filosofia, já que foram os primeiros "pensadores" que se dedicaram inicialmente a ele a partir da pergunta sobre "o mais alta grau de realidade" e sobre "algo que confere ordem, significado, existência, sustento ao que quer que seja". (HJ 3-7-1, p. 1). Nesse caso, a teologia nasce como uma "especulação ou raciocínio que implica ou reconhece tal esfera", ou seja, a esfera superior, que transcende "as formas fragmentadas, corruptíveis e condicionais de existência com as quais a experiência lida normalmente". Deus,

<sup>8</sup> Nesse trabalho, usaremos as siglas convencionais para a citação da obra inédita de Jonas conforme sua organização no Arquivo de Konstanz: sendo assim, depois das iniciais de Hans Jonas, seguirão o número da estante, o número da caixa e o número do documento.

<sup>9</sup> Publicado como capítulo décimo de *The phenomenon of life: toward a philosophical biology* (Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2001, p. 235-261). Versão alemã: "Heidegger und die Theologie", *Evangelische Theologie* 24/12 (Dec., 1964), p. 621-642. Publicado também na obra crítica: KGW III/2, pp. 225-258.

nesse caso, é o "fundamento ou objetivo" do ser de todas as coisas condicionadas.

Para Jonas, Platão teria sido o responsável por cunhar o termo "teologia" como "Theo-logia: relato de deus/es (*account of the god (s)*)", que era desconhecido do mundo grego, sendo que "a possibilidade da teologia na religião grega surgiu com a religião órfica, na qual uma doutrina abrangente dos fatos básicos da existência, a serviço de uma doutrina de salvação, é primeiramente avançada" (HJ 3-7-1, p. 2). Os poetas teriam sido os primeiros a desenvolver "rudimentos de alguma doutrina do divino", embora tal coisa não tenha se efetivado como uma teoria. Para Jonas, a teoria – como esforço propriamente filosófico – se efetiva entre os filósofos pré-socráticos em oposição à interpretação mítica, levando em conta que o divino não representa a perfeição moral, mas a imortalidade, sendo essa a sua distinção em relação aos humanos. É nesse sentido que o esforço teórico de reflexão sobre a natureza chega aos princípios imutáveis, abrindo a possibilidade para o pensamento do divino. Há, portanto, uma distinção entre a reflexão sobre o divino e sobre Deus, como tal. O divino seria o que se descobre na própria natureza (na forma de um adjetivo) como forma do eterno, como "um predicado ontológico, não um termo religioso" (HJ 3-7-1, p. 3). Nesse sentido, os termos "deus" e o substantivo "o divino" equivaleriam àquilo que seria o mais "real", o que possibilitou que eles fossem retirados do horizonte religioso e trazidos para a reflexão propriamente filosófica. Com isso, ao mesmo tempo, logrou-se retirar a ideia de um Ser supremo do campo das crenças populares para submetê-la à reflexão filosófica – e é precisamente assim que teria nascido a teologia, cujo primeiro tratado foi escrito por Varro no primeiro século da era cristã. Varro foi citado posteriormente por Santo Agostinho, o primeiro a acrescentar à teologia natural uma teologia transcendente ou sobrenatural e para quem "a fé não invalida a razão, ela indica o limite até onde a razão chega e além do qual a verdade real se encontra" (HJ 3-7-1, p. 9).

Para Jonas, essa posição, somada àquela assu-

mida mais tarde por Tomás de Aquino, dá vazão à divisão de dois "reinos da verdade", entre aquilo que a razão pode demonstrar e aquilo que permanecerá como parte do mistério acessível apenas à fé. Consequentemente, também a ideia de teologia também muda, tornando-se "a elaboração racional das doutrinas reveladas" amparada não na razão, mas nas Sagradas Escrituras. Assim se consolida a separação entre a teologia e a filosofia, divididas por um abismo sobre o qual ainda é possível uma "*theory of God*" (Jonas cita Leibniz e Spinoza como exemplo), embora não mais como resultado do que antes se entendia propriamente como teologia. Assim, como Jonas expressa na Lesson II, é possível falar em "Theory" como o que é "o oposto da ação", ou seja, como "o termo para a atividade do entendimento do conhecimento, esse conhecimento pelo qual a mente (sem ser impedida pela emoção, imaginação e sentidos) alcança uma compreensão adequada das formas; uma compreensão pura pela mente". Para essa atividade – Jonas lembra – pode-se usar a palavra Latina "contemplatio", ou seja, "a atividade contemplativa que alcança uma visão clara da verdade" (HJ 3-7-1, p. 10). Além disso, recorrendo à etimologia grega, Jonas lembra que *Theoria* se refere a "observar (espectadores ou teóricos) os mistérios das peças teatrais [*to look at (theoroi-on-lookers at) the mystery plays*]", ou seja, à atividade de contemplar o mistério – algo de religioso, portanto, é mantido no seu uso filosófico. Uma teoria de Deus, nesse caso, parte do reconhecimento de que "deve-se fornecer um relato verdadeiro de Deus" (HJ 3-7-1, p. 12). Lembre-se que, aqui, Jonas adianta o que será afirmado em uma nota da conferência *Heidegger e a Teologia* (1964): "enquanto princípio ontológico impessoal, e na verdade estrutural, extraído da evidência do ser como um todo na visão metafísica, ele [Deus] é por sua própria natureza o correlato da teoria e em lugar nenhum é encontrado senão na teoria pura" (2001, p. 236).

## 1.2 Notas de 1952/53: a teologia contra a vulgarização e o modelo platônico-aristotélico

Vejamos agora o que dizem as notas de 1952/53. Nelas Jonas começa por definir a teologia como "o logos ou relato racional de Deus" (HJ 20-2-6) e por apontar para seu objetivo, que seria preservar o homem da falibilidade da razão:

A Teologia (o logos ou relato racional de Deus) acrescenta à simples fé uma explicação intelectual. Na Idade Média, os resultados da razão confirmavam as verdades conhecidas da revelação e, em caso de discordância, assumia-se que um erro deve ter se infiltrado na razão devido à falibilidade do homem. Fazia-se uma distinção entre tópicos acessíveis à razão e aqueles que sempre estiveram além do alcance da razão. A existência de Deus era um dos primeiros. O último era ilustrado pela Trindade aceita apenas pela fé e não podia ser objeto de demonstração. Assim, a religião pode ser teorizada até certo ponto. Parte dela pode ser transformada em um sistema racional. A questão também pode se apresentar na ordem oposta. A situação original da qual surgiram o Cristianismo e o Judaísmo era a filosofia pagã. Nessa filosofia pagã, a teologia se originou. (HJ 20-2-6, p. 1).

Com essa afirmação, Jonas parece deixar claro que os temas da religião podem ser acessados racionalmente dentro de certos limites, impostos por aquilo que pode ser acessado pela razão. Ora, Deus está, desde os primórdios, entre esses temas que poderiam ser submetidos a um "sistema racional" para salvá-lo das visões vulgares comuns do mundo homérico contra as quais se opuseram Platão e Aristóteles. Nesse caso, o esforço da teologia imiscuída com a filosofia, teria sido, desde sua origem, evitar a vulgarização da religião: "Teologia significa, portanto, em sua origem, não um suporte racional para a religião, mas sim o afastamento das religiões consideradas como algo de superstição em favor de um relato esclarecido de algo divino na realidade" (HJ 20-2-6, p. 1). É por onde, afinal, "a teologia deriva da metafísica" e, nesse caso, não lhe é estranha. É precisamente a partir dessa definição que Jonas formula a hipótese de uma teologia filosófica, que dará vazão a "duas correntes de teorias de Deus": uma delas tem suas raízes na "realidade da religião"; outra, tem suas raízes "na função

autônoma independente da razão e se opõe às meras crenças da multidão que são consideradas indignas da natureza real do Divino". Essa segunda perspectiva seria própria da teologia filosófica, considerando que, nessa corrente, trata-se de "um deus acessível ao conhecimento" (HJ 20-2-6, p. 2). Em consequência, Jonas propõe uma distinção entre o paganismo e a religião, aproximando a primeira de uma visão mais "ingênua", por assim dizer, dado que os pagãos acreditam ou adoram "algum objeto concreto", considerado animado (animismo), enquanto nas expressões religiosas (Jonas fala em "religiões superiores"), "a força dominante é transcendente", de tal forma que a religião seria a "adoração de uma ideia", mantendo vínculos estreitos com a atividade racional. Então, se no paganismo os deus estão "dentro do mundo", nas religiões superiores eles "não participam nem entram nele", o que leva a uma possível distinção entre o supranaturalismo e o animismo. Depois deles, teria surgido o monoteísmo, no qual o "elemento múltiplo da natureza é descartado e substituído por uma forma sobrenatural", ou seja, uma ideia, "um elemento de reflexão e abstração" que Jonas também descreve, em *Heidegger e a Teologia*, como uma "reviravolta" do ouvir para o ver, na medida em que se passou por uma "conversão dos ouvidos em olhos" porque agora se trata de uma visão das verdades sobrenaturais, acessíveis por meio da teoria (2001, p. 335). É precisamente, segundo Jonas, essa "abstração" que se tornou própria da religião hebraica, embora possa lhe faltar um "suporte filosófico" propriamente dito. Nessa perspectiva, é possível "considerar essa doutrina e a Bíblia como teoria, embora isso não seja declarado em termos de argumento racional" (HJ 20-2-6).

Ora, nesses termos, é como teoria que Jonas se aproxima da questão de Deus nesse curso de 1952/53, retomando tanto o pensamento de Platão quanto o de Aristóteles, principalmente, os quais, no nosso ponto de vista, servem de paradigma para a sua própria tarefa enquanto pensador. No livro das *Leis*, por exemplo, Jonas lembra que a reflexão sobre Deus aparece com o

objetivo de combater falsas proposições e conduzir um ser humano à moralidade (já que as leis se amparam no divino e a própria natureza é reflexo da racionalidade divina). Nesse caso, Platão se contrapõe tanto a ateísmo quanto ao modo como a religião era praticada em sua época – e o faz apelando para a análise racional que é própria da filosofia. Para Jonas, contudo, a “filosofia teológica culmina em Aristóteles” (HJ 20-2-6, p. 3), vindo a inspirar toda a teologia medieval.

A aula do dia 14 de outubro de 1952 foi dedicada à análise da noção de teologia em Aristóteles, a partir do livro XII da *Metafísica*. Para Jonas, a teologia estaria, tal como a teoria de Deus, no campo da filosofia: “A teologia é uma certa parte da filosofia para Aristóteles. A teologia é uma disciplina racional para ele - não se baseia em nenhuma fonte sobrenatural ou reveladora. Usa apenas evidências disponíveis para a faculdade racional do homem. Assim, nada é exigido além da razão no homem.” (HJ 20-2-6, p. 5). Em outras palavras, Jonas reitera a sua posição apoiado no estagirita, para quem a teologia deve ser entendida como parte da filosofia, como aquela área do saber que diz respeito às primeiras causas, da totalidade e da realidade própria das coisas, ou seja, ao campo da metafísica. Ora, tal esforço seria caracterizado pela pergunta fundamental sobre o Ser e seus princípios e, tendo-se em conta que essa questão é própria da teologia, “então a teologia seria a coroa da ontologia”. Assim compreendida, como a pergunta sobre as “leis do Ser”, a teologia seria “a parte mais geral da filosofia” na medida em que busca “as mais amplas generalizações da realidade”. A doutrina do Ser, portanto, é a “prima philosophia”, na medida em que isso significa o esforço por conhecer o que é “o primeiro na ordem lógica das coisas porque é aquilo sem o qual nada poderia existir” e isso, no fundo, não é outra coisa que uma ontologia, que “mais tarde veio a ser chamada de metafísica”. Ora, Jonas acentua que, tendo chamado a ontologia (ou a metafísica) de conhecimento do “ser enquanto ser”, então teologia poderia ser um “nome alternativo” para a ontologia, na medida em que o princípio primeiro, salvo da imperfeição

da mudança, é aquilo que não muda – Deus. Para Jonas, esse tipo de argumentação seria a prova cabal de que Aristóteles compreende o “conceito de Deus” como um “produto da razão e não da fé”. Mais do que isso, se o filósofo grego procede por meio de “um procedimento que é racional e filosófico, [então] uma teologia é desenvolvida”.

Interpretando os capítulos 7 e 8 do livro XII, Jonas lembra que a doutrina aristotélica sobre Deus “tornou-se a base de todo o sistema racional da teologia cristã”, tendo chegado, por isso, “mais perto de uma doutrina racional de Deus”, na medida em que ele foi “tão longe quanto a razão pode ir sobre esses assuntos”. É ele, portanto, que resume a tarefa de uma “teologia racional”, que passa a significar “uma teologia que procede apenas em princípios racionais para descobrir que há acordo de verdades racionais e verdades de revelação” (HJ 20-2-6, p. 5). E é isso que, segundo Jonas, repercute também na sua *Ética*, como reflexão “sobre a melhor vida do homem” que é, sobretudo, a “vida teorética – a vida teórica do pensamento”. Uma tal vida é ética precisamente porque “o pensamento é a única faculdade que lida com o eterno”, de forma que “o pensamento é pura realidade”. Mais ainda: segundo Jonas, para Aristóteles, como Deus é pensamento eterno, então “o ato religioso aberto ao homem seria pensar, i. e. a avenida para Deus passa pela meditação, não pela ação”. Pensar Deus, assim, é a tarefa mais elevada para o homem e estaria na raiz da ética aristotélica: a maior felicidade para o homem (“a mais alta forma de existência”, ou seja, aquilo que o realiza mais plenamente enquanto ser humano) seria pensar o mais elevado, que é Deus. Essa é a “melhor coisa em nós”, conforme Jonas afirma em sua aula de 28/10/1952 (HJ 20-2-6, p. 6).

Para Jonas, há em Aristóteles três razões pelas quais pensar é o “melhor estado em que o homem pode estar”: primeiro porque “os objetos da razão são os melhores dos assuntos cognoscíveis porque são duráveis”, ou seja, não estão submetidos à mudança, sendo ideias, captam a eternidade; segundo, porque “pensar é o mais contínuo” e a continuidade “é um dos predicados da felicidade

de"; e terceiro, porque "a contemplação é a mais agradável das atividades virtuosas", de forma que o pensamento é sempre um investimento de tempo cujo resultado é sempre prazeroso. Nesse caso, pensar sobre Deus passa a ser uma tarefa de grande mérito porque aproxima o homem da realização de si mesmo e, ao mesmo tempo, torna a sua vida prazeroso. Tal afirmação se opõe à crença de que "a felicidade depende do lazer - consiste no lazer", algo que se tornou uma grande pre-ocupação humana: para Aristóteles, "a vida contemplativa é felicidade" (HJ 20-2-6, p. 7). Preocupado, o homem não pensa; preocupado, ele não encontra a felicidade.

Para Jonas, Platão e Aristóteles pensam um Deus transcendente, totalmente espiritual. Mas, ao mesmo tempo, "o ser de Deus é a essência de toda a realidade" e "embora Ele seja transcendente, Ele é a quintessência de tudo o que existe". Mesmo assim, "a ideia de Deus deriva de uma análise da realidade", o que significa que pensar a realidade é, de alguma forma, também pensar sobre Deus. Para Jonas "é por isso que tal coisa é chamada de teologia ontológica" e que se distingue frontalmente da posição dos estoicos, que pensaram um Deus imanente e idêntico ao mundo. Essa ideia seria, para Jonas, "o panteísmo, o próximo passo religioso depois de Aristóteles", na medida em que, na visão estoica, "Deus está em tudo e é tudo na totalidade das coisas", sendo que "a natureza é a vestimenta ou corpo visível do Logos Divino" (HJ 20-2-6, p. 9), não havendo nenhuma diferença real entre Deus e o mundo.

### Considerações finais

O interesse de Hans Jonas por Deus como um tema teórico atravessa quase toda a sua filosofia, desde os primeiros estudos sobre a gnose até as reflexões metafísicas de seus últimos escritos. É o que também concluiu Spinelli (2001, p. 12): "a atenção ao divino, longe de ser limitado e limitável, revela-se antes como uma espécie de esforço intelectual extremo, que, embora forçado

dentro de todos os seus limites humanos, nunca pode ir além de um mero 'balbuciar' (*Gestammel*)". Jonas, nesse sentido, quer satisfazer uma "necessidade da razão" que não quer recuar diante de uma questão tão complexa como essa, embora seja preciso, antes de tudo, reconhecer, na seara kantiana, os limites racionais para sua abordagem. Afinal, a pergunta sobre Deus, embora permaneça "sem resposta", deve ser mantida continuamente enquanto pergunta – como sugere o título do ensaio inédito (HJ 1-6-1) *The Unanswered question*, fruto de uma conferência realizada em 5 de março de 1970 na Columbia University<sup>10</sup>.

Por fim, é preciso reconhecer que recolocar constantemente a questão de Deus é estratégico para Jonas, um autor que recusa e denuncia constantemente a redução do esforço do pensamento ao mero materialismo da ciência e da tecnologia moderna, tendo como grande prejuízo precisamente a negação de todos os elementos associados a algum tipo de *espiritualidade* – também aqui, como se nota, o esforço da biologia filosófica é também eficaz no caso da teologia. Resgatar a hipótese de Deus é denunciar o reducionismo da razão; recolocar o problema de Deus enquanto pergunta não respondida tem, afinal, como vantagem, abrir novamente a racionalidade para os temas complexos que residem muito além do materialismo objetivista que domina o modo moderno e pós-moderno de pensamento. Essa exacerbação ontológica do que é material em detrimento do que é espiritual traduz, em última instância, a importância do problema de Deus na filosofia de Hans Jonas. Não é por acaso que a vida oferece ao filósofo a primeira evidência da necessidade de superação desse reducionismo mecanicista, materialista e determinista imposto, por exemplo, pela física moderna (como se lê na conferência de 1970). Deus, portanto, é sempre uma nova ocasião para o pensamento resguardar-se do reducionismo, abrindo-se para os temas que a ciência deixou à sombra.

<sup>10</sup> Essa palestra fez parte do Programa Columbia-Bernard Yavneh, uma série de conferências dedicadas à filosofia do Judaísmo. Após aceitar o convite para uma palestra de abertura, Jonas proferiu uma série de observações iniciais sob o título *Science and the contemporary crises of religion* (HJ 1-6-7, 1-5).

## Referências

JONAS, Hans. *Materie, Geist und Schopfung: Kosmologischer Befund und kosmogonische Vermutung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

JONAS, Hans. *Vergangenheit und Wahrheit*. Ein später Nachtrag zu den sogenannten Gottesbeweisen. *Scheidewege*, 20, p. 1-13, 1990/91.

JONAS, Hans. *La domanda senza risposta*. Alcune riflessioni su scienza, ateismo e la nozione di Dio. A cura di Emidio Spinelli. Genova: Il Melangolo, 2001.

JONAS, Hans. *Kritische Gesamtausgabe der Werke von Hans Jonas*. Philosophische Hauptwerke, Bd. II.2: Ontologische und wissenschaftliche Revolution, J. P. Brune (Hg.), Freiburg i. Br.–Berlin–Wien, 2012.

JONAS, Hans. *Kritische Gesamtausgabe der Werke von Hans Jonas*. Philosophische Hauptwerke, Band III.1: Metaphysische und religionsphilosophische Studien, M. Bongardt, U. Lenzig, W. E. Müller (Hgg.), Freiburg i. Br.–Berlin–Wien, 2014.

JONAS, Hans. *Kritische Gesamtausgabe der Werke von Hans Jonas*. Philosophische Hauptwerke, Band I.2.1: Das Prinzip Verantwortung, Erster Teilband: Grundlegung, D. Böhler, B. Herrmann (Hgg.), Freiburg i. Br.–Berlin–Wien. Kajon, I., 1993, Fede ebral, 2015.

JONAS, Hans. *Theory of God*. Inéditos do Philosophisches Archiv de Hans Jonas, na Universität Konstanz. Konstanz: 2022.

MARGOLIN, R. Hans Jonas and secular religiosity. In: TIROSH-SAMUELSON, H.; WIESE, C. (Eds.). *The legacy of Hans Jonas*. Judaism and the Phenomenon of Life. Leiden; Boston: Brill, 2010, p. 231-259.

OLIVEIRA, Jelson. A teoria de Deus e o desafio do niilismo: Hans Jonas a propósito de Nietzsche. *Ethic@ -Florianópolis*, Santa Catarina, Brasil, v. 16, n. 1, p. 127-146. jul. 2017

POLIWODA, S. Gottesbegriff und Gottesbeweis. Zur philosophischen Theologie bei Hans Jonas, in: P. Koslowski u.a. (Hgg.), *Jahrbuch für Philosophie des Forschungsinstituts für Philosophie Hannover* v. 6, p. 123-141, 1995, 138f.

SCHIEDER, Thomas. Hans Jonas' "Gottesbeweise". In: MÜLLER, Wolfgang Erich (Hrsg.). *Hans Jonas - von der Gnosisforschung zur Verantwortungsethik*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2003. (Col. Judentum und Christentum, Band 10).

SPINELLI, Emilio. The Question of God and the Quest for God: Hans Jonas, Plato, and Beyond... *Peitho/Examina Antiqua* 1, v.11, p. 185-194, 2020.

VOGEL, Lawrence. Editor's Introduction. Hans Jonas's Exodus: From German Existentialism to Post-Holocaust Theology. In: JONAS, Hans. *Mortality and Morality. A search for the Good after Auschwitz*. Evanston, Illinois: Northeastern University Press, p. 1-40, 1996.

## Jelson R. de Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR; pesquisador do CNPq; coordenador do GT Hans Jonas, do Centro Hans Jonas Brasil e da Cátedra Hans Jonas da PUCPR.

## Thiago Vinícius Rodrigues de Vasconcelos

Doutor em Filosofia pela PUCPR em cotutela com a Universidade de Coimbra. Mestre em Filosofia pela PUCPR. Pós-doutorando em Filosofia – PUCPR.

## Endereço para correspondência

### JELSON R. DE OLIVEIRA

Rua Manoel Eufrásio, 1231, 802B

Juvevê, 80540-010

Curitiba, PR, Brasil

### THIAGO VINÍCIUS RODRIGUES DE VASCONCELOS

Escola de Educação e Humanidades

R. Imaculada Conceição, 1155

Prado Velho, 80215-901

Curitiba, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*